



# EXPOS IÇÃO

ARS  
SEXUALIS:  
POR BAIXO DOS PANOS

ORGANIZAÇÃO  
BRUNO NOVADVORSKI  
SUE GONÇALVES  
CHRIS, THE RED

CATÁLOGO



2022 © Bruno Novadvorski & Sue Gonçalves (idealizadores)

## ARS SEXUALIS

Seminário Internacional de Artes Visuais:  
Sexualidades Dissidentes do Sul Global

Ars Sexualis: por baixo dos panos

Catálogo

ISBN: 978-65-5973-224-1

### **Organização**

Bruno Novadvorski

Sue Gonçalves

Chris, The Red

### **Apoio de Organização**

Profa. Dra. Daniela Pinheiro Machado Kern

Profa. Dra. Paola Basso Menna Barreto Gomes Zordan

Prof. Dr. Alexandre Sá Barretto da Paixão

### **Capa, Projeto Gráfico, Diagramação, Identidade Visual e Logotipo**

The Red Studio

### **Fotografias**

Chris, The Red

### **Conselho Editorial (Ars Sexualis)**

Prof. Dr. Alexandre Sá Barretto da Paixão

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Belidson Dias Bezerra Junior

Universidade de Brasília

Profa. Dra. Daniela Pinheiro Machado Kern

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Leandro Colling

Universidade Federal da Bahia

Dr. Marco Antônio Ramos Vieira

Doutor em Artes (Universidade de Brasília)

Profa. Dra. Martha Narvaz

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Rodrigo Pedro Casteleira

Universidade Federal de Rondônia

Profa. Dra. Paola Basso Menna Barreto Gomes Zordan

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Vi Grunvald

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dr. Wagner Ferraz

Doutor em Educação e Ciências (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Editor Estudos do Corpo



# SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO	8
ABHIYANA	17
ALAIR GOMES	20
ALEXANDRE SÁ	23
ANA MOGLI SAURA	26
BRUNA KURY	29
BRUNO NOVADVORSKI	32
BUB	35
CARLOS HENRIQUE	38
CHRIS, THE RED	41

DARIANE MARTIÓL	44
EDUARDO KAC	47
GABI FARYAS	50
HILDA DE PAULO	53
KHÁOS	56
LEVI BANIDA	59
MARCELO RIVERA FUENZALIDA	62
O.R.G.I.A	65
ÓRION LALLI	68
PAOLA ZORDAN	71

PC	74
PRETA EVELIN	77
RAINNERY QUEERCORE	80
RICARDO AYRES	83
SUE GONÇALVES	86
TALIBOY	89
XAN MARÇALL	92
LEGENDAS	95





# APRESENTAÇÃO

# DIGRESSÕES SOBRE A EXPOSIÇÃO ARS SEXUALIS, SEUS PANOS E A PERSISTÊNCIA DO IMPEDIMENTO E DA RESSALVA

PAULO SILVEIRA

Na entrada de uma exposição, a pessoa que a visita de imediato percebe a distribuição dos trabalhos no espaço, a iluminação e o teor geral do que é oferecido à visão. Se a abordagem for dirigida à sexualidade ou inconfidência de indivíduos artistas ou à de quem a visita, cadeias associativas do espectador (deste visitante) se fragmentam em digressões, resgatando um pouco da inevitável conexão entre sua própria linha do tempo como vedor (*voyeur* em sentido absoluto, objetivo e pleno) e a história geral da representação e da provocação do desejo. De uma zombaria picante à mais desagradável oposição à decência e à moral, quantas imagens, cenas, relatos estiveram à disposição das práticas artísticas, todas elas, em séculos de história, para testemunho e indiscrição do apreciador. Há o corpo e suas belezas, volumes, marcas, movimentos, peles, secreções, tumores. E há as identidades, sexos, gêneros, escolhas, transições, transgressões, protestos, punições. E as grafias: autobiografia, etnografia, hagiografia (por que não?); e coreografia, fotografia, cenografia, cinematografia, iconografia, expografia; e radiografia, ultrassonografia, mamografia, urografia; e erotografia, pornografia e pós-pornografia. A pergunta é longa: que mapa conceitual podemos constatar, inferir ou livremente imaginar em uma visita à exposição *Ars Sexualis: por baixo dos panos*, considerando-se o vínculo com suas ações e estudos paralelos ou precedentes, como as reflexões que conformaram o *Ars Sexualis – Seminário de Artes Visuais: Discursos e dispositivos para pensar as sexualidades* e as

mostras digitais, com abordagens para pornografia, pós-pornografia, teoria queer, feminismos, contrassexualidade, revisões da história da arte, cânones e iconografias sexuais e outros temas associados?

Relativamente pequena quanto à metragem quadrada, mas com obras de 28 artistas, a exposição deve ser compreendida como uma proposta de problematização muito bem encaminhada e desenvolvida. Foi bem-vinda no espaço acadêmico da galeria da Pinacoteca Barão de Santo Angelo, no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em novembro de 2022. Poderia ser um problema, caso fosse realizada um pouco antes. Estrategicamente ou por cumprimento de agenda ou por malabarismo de recursos de produção, a mostra foi montada no final de gestão federal autoconsiderada conservadora, tida como grosseira, destrutiva e inculta, que poderia tentar fechar suas portas, mesmo a exposição estando dentro de uma universidade. Como recurso expográfico, e semântico, usou cortinas pretas para encobrir suas obras e atividades, uma a uma, prevenindo-se de ferir susceptibilidades de visitantes: abria a cortina quem quisesse. Fiquei entusiasmado com o conjunto do que vi, em sua maioria realizações de jovens artistas que, à exceção do espaço acadêmico, dificilmente encontrariam acolhida institucional ao que contavam e desnudavam. Mesmo que o Instituto de Artes seja uma instituição que tradicionalmente acolhe e impulsiona a criação discente, não lembro de ter visto ali mostra semelhante. Pontualmente, claro, erotismo, sexualidade, gênero, corpo, discurso pós-pornográfico e outras abordagens podem aparecer em processos artísticos ocasionais ou em discentes artistas que pesquisam esses temas, em si mesmos e mesmas ou nas relações com a circunstância social. E, claro, em trabalhos acadêmicos mais alentados, de conclusão de cursos de graduação e, especialmente, pós-graduação. Esta, penso ser a importância maior de *Ars Sexualis*, ser acadêmica, no melhor dos sentidos.

No mapa conceitual em mim provocado pela mostra, penso que uma palavra especialmente ambígua, mas funcional, é “ressalva”, aqui no sentido de restrição, reserva, exceção, advertência. Dou-me conta que as ressalvas têm me acompanhado, às vezes limitando, às vezes dando espessura crítica às dimensões culturais da vida. Elas existem em tudo, com certeza no prazer, no desejo, no uso dos sentidos, na leitura e na escrita. E longe no tempo. Nos livros gerais de história da arte antiga há muitas ilustrações, mas a paginação disponibilizada pelo projeto editorial e o arbítrio estético dos autores fará a curadoria de imagens desaparecer com os prepúcios nas cerâmicas gregas, as hetairas mais ativas, os efebos mais prestativos, as vaginas devoradoras, os pênis superproporcionados. Idem para períodos posteriores, até o Modernismo e além (para a arte contemporânea existe maior boa-vontade, a reafirmação do desejo e sua incontornabilidade, o reconhecimento ou problematização da identidade, da concepção teórica e artística de si mesmo e do outro).

Ressalvas podem ser um convite para a perícia das entrelinhas, para a investigação do que estaria interdito à leitura. Quando estão presentes os enigmas livrescos, por exemplo, são maravilhosos quanto ao que escondem, como a identidade oculta da pessoa autora ou de uma personagem e os motivos morais dessa ocultação. Entre os casos mais encantadores está *Hypnerotomachia Poliphili*, ou *Batalha de amor em sonho de Polifilo*, incunábulo



impresso em 1499 por Aldo Manuzio. Considerada incompreensível, a obra é amada também por isso, embora o resumo seja simples: o jovem Polifilo procura sua amada Polia, uma ninfa, dentro de um sonho. Além do texto, o erotismo é percebido nas inúmeras xilogravuras de autor desconhecido, às vezes também cifradas. A sensualidade do volume é apontada pelos seus comentaristas, especialmente por teóricos da arquitetura, que apontam a sugestão de pansexualidade nos seus desenhos arquitetônicos, de concepção erótica e amorosa (corpo arquitetônico). Suas muitas formas figurativas fálicas e arredondadas provavelmente se referem ao masculino e feminino. O texto, em vários idiomas, de autor desconhecido, é atribuído a Francesco Colonna (1433-1527), um monge dominicano; sua identidade oculta poderia ser descoberta a partir das letras iniciais de cada capítulo, onde se lê o equivalente ao latim “o irmão Francisco Colono amava Polia intensamente”. Ser apócrifo é sua ressalva. Dependendo do ângulo, o incunábulo não chega a ser clandestino ou quase o é.

Se a equivalência social pode ser degrau para a sexual, ressalvas podem ser discursos de impedimento que, por sua vez, apresentam-se publicamente também em sexismo cristalizado na imprensa. Relembro aqui um caso assim e sua vítima usual, a mulher, em ocorrência do início do século passado, geograficamente não muito longe da região do Instituto de Artes. Uma edição de 1902 do jornal *O Exemplo*, de Porto Alegre (v. I, n. 7), originalmente para pretos, pardos e “homens de cor”, traz uma réplica intitulada “A emancipação da mulher”. Seu texto é precedido por uma citação de opinião de edição anterior (número 3, do mesmo ano): “Assim o pensamos como filhos de um século em que a mulher não pode ser mais a escrava do Oriente, nem o objecto de luxo da civilização christã mas o ser pensante, activo e capaz, que reclama e *lucta pela conquista de todos os direitos, que a sociedade tem dado ao homem*” (em itálico no original). A seguir, o jornal publica a réplica, a ressalva assinada por alguém de prenome “Pery”, sem sobrenome, de Rio Pardo, RS. Começa com gentilezas (com a grafia da publicação original): “Apezar de não sermos competentes para tratar de assunto de tamanha importância como é este, timidamente vimos aventurar duas palavras, a seu respeito.” E prossegue, mais adiante: “A emancipação da mulher sob o ponto de vista moral physico, não pode nem deve reputar-se idéa vã ou absurda, porque é tão justa e natural como tudo que nasce da natureza antes de alterado ou adulterado pela mão do homem.” Segue estendendo-se em considerações “construtivas” até terminar com a declaração de sua contrariedade: “Atè aqui muito bem porém, no dia em que á mulher deixar seu papel de mãe abandonando o lar carinhoso em troca de um logar de promotor publico ou de juiz (ah! esse dia Deus, não permittirá que chegue!) dar-se á nos uma verdadeira calamidade. Tudo pela emancipação civil e nada pela emancipação política da mulher.”

A ressalva pode ser a pura e simples censura, outra conformação para a sua presença ativa, tão ou mais nefanda, sem debate, sem troca de opiniões, às vezes policial. Mostrar ou exhibir desde que... Mostrar ou exhibir exceto... Autorizar com ressalvas. Mesmo que as artes visuais sofram menor coerção, algumas exposições relevantes foram interrompidas por acusações de pornografia, que viria acompanhada de depravação, taras e perversões, segundo aqueles que têm pressa e poder de reivindicar censura e punição. No Brasil, isso foi especialmente percebido, ainda que em casos pontuais, no avanço do

ultraconservadorismo de extrema-direita, revitalizado mais ou menos recentemente. O problema aqui não é mais o lugar do feminino e sua amplitude política, mas passa a ser – entre outras possibilidades de “atentados à moral” – a abolição da ocultação da expressão física do desejo sexual e sua satisfação, a exibição do erotismo entre pessoas (quaisquer pessoas) e as alegorias e metáforas com o corpo (qualquer corpo) sexualmente desejável ou desejoso, no todo ou na personalização de suas partes. O poder imediatamente reivindicado pelos opositores parece ser o impedimento.

*Erotica os sentidos da arte*, de 2005, com curadoria de Tadeu Chiarelli, uma promoção das sedes do Centro Cultural do Banco do Brasil, era uma mostra profunda, com grande amostragem de obras de artistas brasileiros e internacionais, do passado antropológico ao presente. Por erótica, palavra inglesa, a divulgação explica, entende-se o “substantivo que designa coletânea de textos ou imagens capazes de suscitar ou induzir ao desejo sexual”. Portanto, menos enfático e imediato do que o pornográfico. A mostra não teve desenvolvimento fácil, mesmo com o cuidado de ter restrição de idade e programa educativo. Houve a retirada de uma obra de arte da exposição na sede do Rio de Janeiro, em 2006, por decisão da direção do Banco do Brasil, fruto da pressão da entidade católica conservadora Opus Christi, que a achava “blasfema” e que chamou a exposição de “pornográfica”. Tratava-se de *Desenhando com terços*, um fotograma de Márcia X realizado com a sombra de terços católicos em forma de dois pênis cruzados. Pouco tempo depois o mesmo grupo tentou retirar desenho em lápis de cor e aquarela, sem título, de Alfredo Nicolaiewsky, de 1983, em que a imagem de um bibelô de São Jorge está próxima a imagem de um homem seminudo que coloca uma das mãos nas cuecas; santo e mão estão mais ou menos à mesma altura.

Em Porto Alegre, em 2017, a exposição *Queer Museu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, curadoria de Gaudêncio Fidelis, teve seu fechamento antecipado pela instituição que o promoveu, o Santander Cultural, o que gerou grande repercussão. O banco patrono estaria atendendo a movimentos conservadores e a uma autoproclamada “revolta popular”, associada à alegada presença de imagens “de zoofilia e pedofilia” e de “crianças viadas [sic]” na mostra (são omitidas as fontes dessas manifestações, que podem ser buscadas na imprensa da época). Do ponto de vista mercadológico, o fechamento pareceu uma automutilação do Santander, então boicotado por direitistas extremos (pela abertura) e recebendo a antipatia de artistas e integrantes de diversos extratos culturais (pelo fechamento), sejam ou não minorias sexuais ou de gênero. É curioso que obras de arte que sequer foram vistas por seus detratores sejam impedidas à exibição por ações conservadoras. Com novo nome, novas propostas e uma atuação mais atenta aos diversos públicos, a instituição se recuperará no dano que fez a si mesma. Até lá, e depois, a necessária lembrança do triste episódio permanecerá.

O que na arte é contrário ao pudor e que argumentos declaram tal coisa? E o que removeria a denotação de obscenidade? Em *Paysage fautif*, 1946, o sêmen de Marcel Duchamp oferecido sobre cetim para Maria Martins, tudo é muito explícito, cristalino. Poderíamos dizer que mostraria em obra e mensagem o que deveria estar oculto (com todos os verbos no condicional). Existem as ramificações, as situações culturais, o tempo histórico etc.,

oferecendo camadas de leitura múltiplas. Se a interlocução tem exercício mais livre, o inverso se dá na medida do crescimento do público. O espetáculo é especialmente vigiado pela repressão. Vem-me à memória, pelo ridículo do encobrimento, o filme *Laranja Mecânica*, 1971, de Stanley Kubrick, um poderoso exercício sobre a imoralidade. No Brasil da ditadura, bolinhas pretas foram colocadas pela censura nos genitais em nus frontais. Moviam-se na tela numa coreografia cômica que causava gargalhadas na plateia. No Brasil do século XXI, vivenciamos um circo desajustado, e ele é trágico, patético, mais que risível, e também é perigoso. Nas redes sociais convive-se com censores, com tentativas de bloqueios, com discursos e comentários infames, que inevitavelmente chegam até nós. O obsceno não solicitado é empurrado para a ribalta, onde a arte e a ciência deveriam estar. O *golden shower*, chuva dourada, é nomenclatura que chegou aos meus ouvidos graças ao mais obsceno de nossos políticos. Muitos de nós até conhecíamos o princípio desse fetiche, mas o nome ou conceito alguns só aprenderam no Carnaval de 2019. Mais uma palavra-chave para o nosso inferno. Quanto a mim, o único ganho intelectual oriundo da gestão política tóxica entre 2019 e 2022, e que fez o cenário de fundo inevitável de algumas decisões e indecisões acadêmicas no período, foi um verbete bagaceiro. O horror, o horror...

Já que o comentário anterior foi feito, cumpre dizer que nas artes visuais, o gosto pelos fluídos corporais, especialmente a utilização de urina como *medium* ou elemento cênico aconteceu e acontece vez ou outra. O gesto do uso oferece leituras recorrentes de ancoramento do sujeito à sua realidade não divina, quase sempre balizadas pela argumentação fisiológica do humano. A fotografia do Cristo Crucificado numa estatueta de plástico, mergulhado em urina, 1987, por Andrés Serrano, é um exemplo frequente da infâmia. Mas de certa forma é asséptico, porque aquela urina está fria, é extracorpórea, metafórica, porque precisa ser assim, flertando com o pensamento reflexivo. Há, ainda algumas fotos de Robert Mapplethorpe, de 1977, com um homem urinando na boca de outro. Em Cingapura, Vincent Leow, membro do coletivo The Artists Village, bebeu sua própria urina em uma performance em 1992 (após, como o múltiplo *The Artist's Urine*, a urina também seria vendida a 30 dólares de Cingapura a garrafinha). Nesse caso estaríamos falando de uma ação escatológica e o nojo que contrariaria ou constrangeria o desejo (quando não o acompanha) em artistas alquimistas (não se constranja, a História da Arte já abordou o tema, como em *Figures pissantes: 1280-2014*, de Jean-Claude Lebensztejn, 2016). É forçoso perguntar: se nós assistimos o ato performático e o pudor é violado em uma estratégia cênica pós-moderna, não estaríamos em uma situação afim à confirmação da corporeidade face ao espiritual? Pessoalmente, acredito que os trabalhos em *Ars Sexualis* foram além da matéria sexual, apontando para suas decorrências e questões associadas, tanto espiritual como socialmente. E, eventualmente, provocando o riso ou o sorriso que acompanham essas manifestações do explicitado, que paralelamente mostram o invisível e dizem o indizível. Atire a primeira pedra quem nunca fez ironia com a espetacular sensualidade de *O êxtase de Santa Teresa*, ou *Transverberação*, de Bernini.

Resistência foi palavra muito usada e abusada nos últimos anos, especialmente contra o horror neofascista, sectarista, racista, sexista etc., situações que excretam incompreensão, preconceito e intolerância para com parcela



significativa das manifestações culturais. Tem sido invocada também por agentes da arte e da história da arte, incluindo estudantes. O XXXVIII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte, realizado em Florianópolis, 2018, é um exemplo que muito nos orgulhou. Estavam reunidos mais de 100 pesquisadores e pesquisadoras sob o tema “Arte e erotismo: prazer e transgressão na história da arte”. Reconheceu o “anseio de se esfregar, desejo de transar, vontade de gozar” como agentes plenipotenciários do criador e do fato artístico, assim como “a própria exposição é artifício primordial de transgressão do que deveria estar velado em termos moralmente aceitos” (conforme seu texto de apresentação).

Esta é uma verdade fundamentada: a pesquisa em artes visuais e história da arte, assim como em artes cênicas, música, dança, literatura e campos afins, tem contribuído com esforços consistentes para o conhecimento, aí incluídas as questões de sexualidade e gênero, entre outros tópicos humanos e sociais. As ciências não apenas se adaptam, mas acolhem. Em muitas situações a antiga declaração de sexo foi substituída pela de gênero. Para seu cadastro na Associação Brasileira de Editores Científicos, o afiliado pode optar por (em fevereiro de 2023): mulher cis, mulher trans, mulher travesti/travesti, homem cis, homem trans, pessoa não binária, outra e prefiro não declarar. Nos Estados Unidos, a College Art Association oferece um cadastro semelhante, mas separa duas abas de seu formulário para escolha simples; em “Orientação sexual” inclui as opções: bissexual, gay, heterossexual, lésbica, opção não listada acima e prefiro não responder; para “Transgênero” inclui: sim, não, opção não listada acima e prefiro não responder (em fevereiro de 2023). Muito além de burocracia civil, importa também aqui a métrica da pesquisa. Hoje indaga-se, por exemplo, quantos pesquisadores de determinada orientação ou gênero publicam suas pesquisas em determinada área ou determinado tópico; e o Open Journal Systems prepara-se para a ampliação de informações sobre gênero de autores, já realizando encontros para discussões sobre inclusão de novos metadados nos formulários de submissão de artigos dentro dos critérios de Diversidade, Equidade e Inclusão (como apresentado no encontro brasileiro “Como incorporar os princípios DEI na editoria científica latino-americana?”, em setembro de 2022). Ademais, é conhecido o vigor no Instituto de Artes da UFRGS expresso nos trabalhos de conclusão de curso (na graduação) e nas dissertações e teses (na pós-graduação), em abordagens sobre questões da arte e sexualidade ou temas correlatos, seja em história e teoria da arte ou em práticas artísticas (poéticas visuais). Problemas intestinos existem e certamente um deles é a falta de acervos documentais ou de bibliografia específica em bibliotecas universitárias. Deveria ser simples encontrar uma referência primária brasileira, como um exemplar de *Antologia: Arte Pornô*, de Eduardo Kac e Cairo Assis Trindade, 1984. Não é. As bibliotecas da minha universidade não têm. As das universidades próximas também não. A aquisição de “livros usados” ou de raros e a manutenção no acervo de títulos com pouca consulta é um problema persistente em algumas bibliotecas setoriais.

É nesse cenário acadêmico enriquecido por suas conquistas no conhecimento, e, por seus desafios, constantemente em maturação, que *Ars Sexualis* nasceu e se desenvolveu, fortalecido pela pesquisa e extensão, com pulsão, seriedade e comprometimento, mas sem perder o humor, pois que há também a troça e a provocação em suas veias. Poderia ter acontecido

no saguão do Instituto de Artes, no espaço térreo gerido por alunos, descontraído, menos pressionado por expectativas. Ao contrário, a mostra preferiu-se formal, estrategicamente pactuada com o compromisso de suas convicções, ocupando a galeria da Pinacoteca, ensaiando um movimento invasivo, porém consentido. Penso que o fato de a exposição ter acontecido na Pinacoteca foi um trunfo para o grupo de artistas participantes, para o público e para a instituição, instâncias exaustas do constrangimento moral e político do período. Creio que foi um fato inédito uma coletiva com temática monográfica erótica ter ocupado a galeria principal, fechando o segundo ano de uma proposta iniciada em 2021 com o Seminário de Artes Visuais.

Em uma situação convencional haveria uma cortina preta na entrada e um aviso alertando os visitantes sobre o possível constrangimento ou ofensa que os trabalhos poderiam causar a pessoas sensíveis aos temas e imagens. É uma cortesia necessária, que assume sua responsabilidade. Mas há outras formas de advertência além da cortina. Para retrospectiva com cerca de 200 fotos, colagens e vídeos de Larry Clark, no espaço C/O Berlin, Alemanha, 2012, a foto colorida em plano de detalhe, close up, de um monte púbico (ou monte de Vênus) de uma adolescente, com a tatuagem “Larry” por trás dos pelos pubianos, ocupando integralmente um grande cartaz vertical *outdoor* na fachada, deixava inequívoco para quem passava pela rua que o ingresso era a seu próprio risco. Sem necessidade de cortina. É a ressalva de alerta, na cortina, no cartaz ou outra solução: há exposição, mas cuidado, é transgressora e pode não ser apreciada por você. Na Pinacoteca do Instituto de Artes, o grupo de organização decidiu pelo cuidado para com a instituição. Em *Ars Sexualis*, essas são as ressalvas: as cortinas pretas, pequeninas, médias ou maiores, individualizadas, uma para cada obra ou ação, formando um conjunto de peep shows divertidos que transformavam em passos a experiência daquela ou daquele voyeur que perscruta o íntimo de outrem. Não, não houve martírio nas estações da mostra. Ao contrário.

Março de 2023.









# ABHYI ANA



# MANIFESTO DA BUCETAH

Por Abhiyana



TEXTOS

Bucetas querem. Queira você ou não.  
Bucetas querem abrir, dar e receber.  
Têm vontade própria e são amigas da  
liberdade. Bucetas são pássaros voando  
no céu, batendo suas asas melecadas.  
Bucetas têm coração, e quando ele  
palpita, o oceano transborda.

Bucetas querem ser acariciadas que nem a  
cabeça de um gatinho. Querem ser  
lambidas, chupadas, sugadas -  
delicadamente. Bucetas querem ser  
amadas do jeito que elas são.  
Bucetas querem se esfregar, sentir os  
dedos, dedinhos, línguas e pauzões.  
Pauzinhos também. Bucetas querem  
dildos, vespers e bullets recarregáveis.  
Querem esportar no mundo e jogar seu  
sangue na terra!

Acima de tudo, bucetas querem ficar  
molhadas, porque quando molhadas  
estão prestes a ter a sensação mais  
volumosa do mundo, gozar!  
Buceta quer gozar! E uma buceta que goza  
tem a força de uma pantera e  
também de uma piranha. Bucetas  
não são buracos, são portais.  
São o amor e a porta da vida.

POETINHA





ALAIR GOMES









ALEXANDRE SÁ







*A constituição da Arte - Parte II  
Alexandre da Silva 2002*

## A ALEGRIA NÃO É A PROVA DOS NOVE.

Engano

a liberdade como a mais teoricamente articulada das jaulas

EX-PELHO

Kkk



ANA MOGLI SAURA











BRUNA KURY









BRUNO NOVADVORSKI









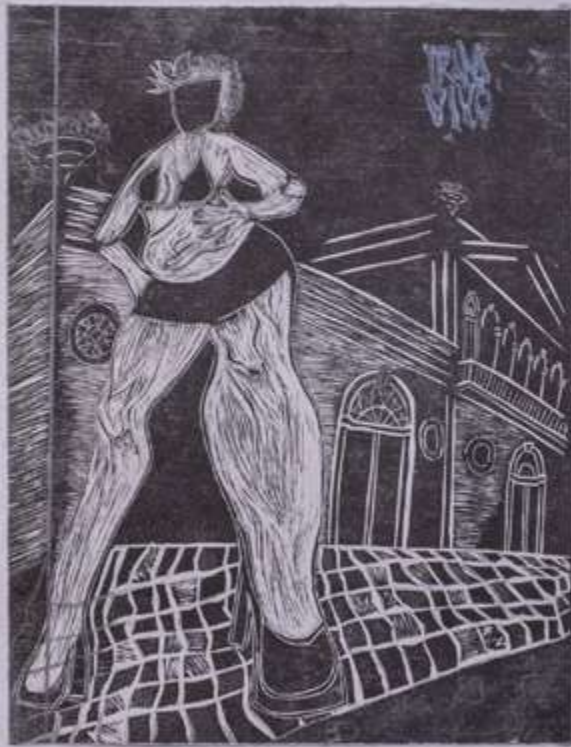


**BUB**











CARLOS HENRIQUE







o casal gay é espancado após abraço e alega homofobia;  
Lichinho aponta por em 2017  
Evangelista recorde de morte homofobia no Brasil

Homofobia: Casal gay é espancado no dia da copa

Homofobia, intolerância que mata a cada 19 horas Entre 2016 e 2017.  
Número de assassinatos por motivos homofóbicos aumentou  
Brasil registra por hora  
Uma morte por hora aponta relatório  
Travesti espancada e morta em Jorani



CHRIS, THE RED





MANTENHA  
DISTÂNCIA  
1m







DARIANE MARTIÓL









EDUARDO KAC









GABI FARYAS











HILDA DE PAULO

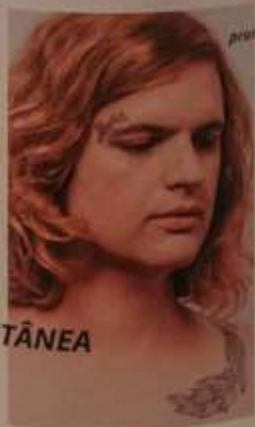








A AMANTE *ideal*



preparação  
**INSTANTÂNEA**

*pronta a usar*

*liofilizado*

A vertical, symmetrical mandala with a central blue text 'KHÁOS'. The mandala is composed of intricate, repeating patterns of leaves and flowers, rendered in shades of green, yellow, and brown. The central text is in a bold, blue, sans-serif font. The overall design is highly detailed and balanced.

# KHÁOS









# LEVI BANIDA







SE EU ABRAÇAR O MÃO DISSE EU NÃO TENHO  
COMO VIVAR DE AVIÃO EM BRASÍLIA,



**MARCELO RIVERA FUENZALIDA**





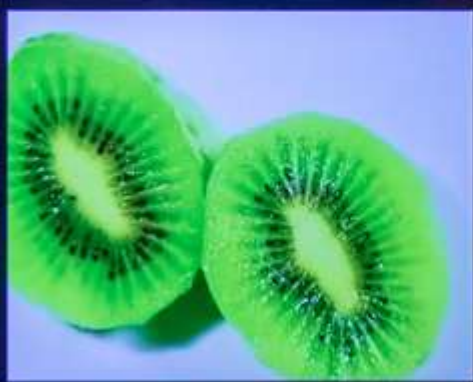




O.R.G.I.A







ACC



ÓRION LALLI









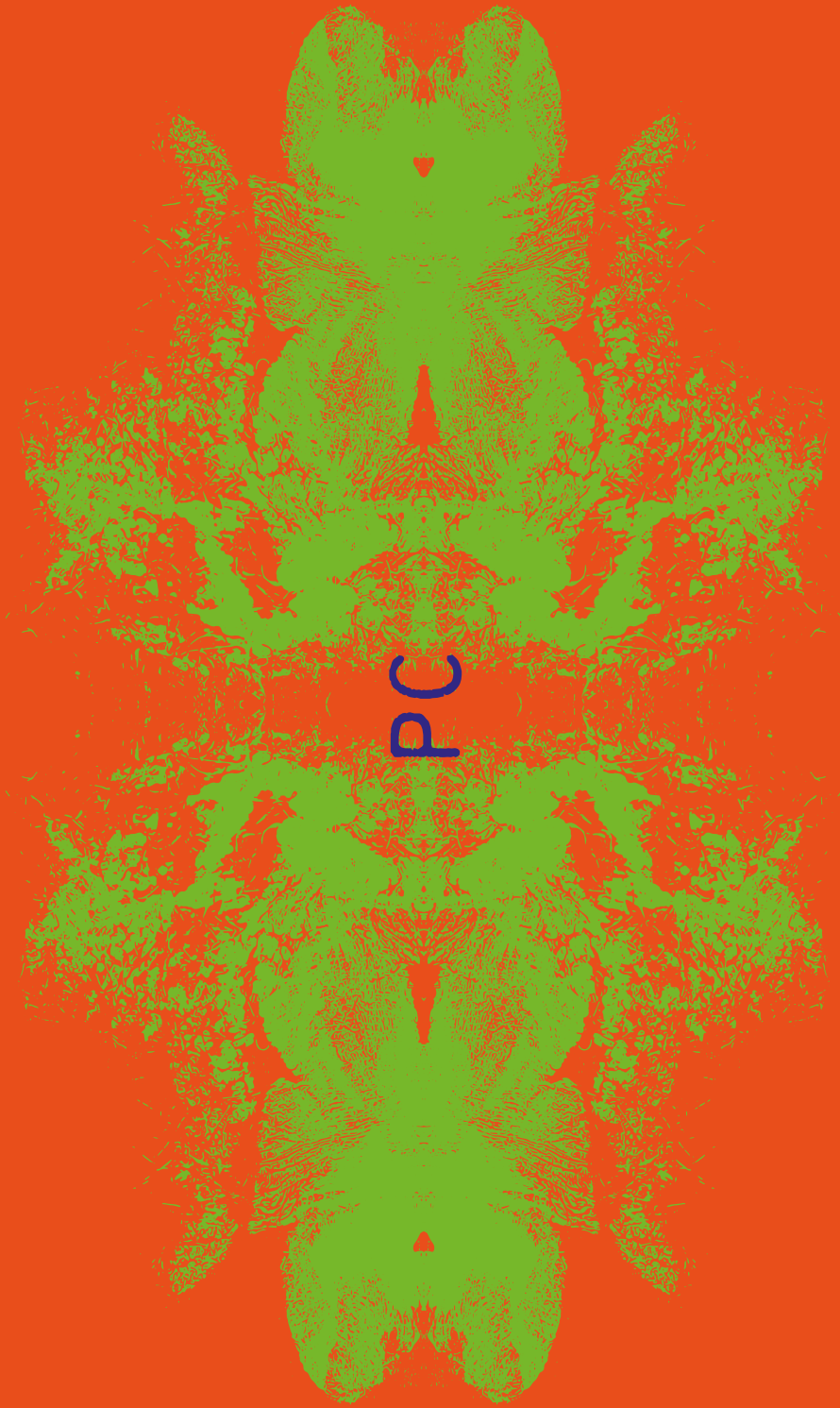


PAOLA ZORDAN









PC









PRETA EVELIN











RAINNERY QUEERCORE









RICARDO AYRES









SUE GONÇALVES









# TALIBOY









# XAN MARÇALL











# LEGENDAS

**ABHIYANA**

**MANIFESTO DA BUCETAH**

CARTAZ / 2019

**ALAIR GOMES**

**SIMPHONY OF EROTIC ICONS**

**(ADAGIO)**

FOTOGRAFIA / DE 1966 A 1980

FONTE: ACERVO FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL - BRASIL

**ALEXANDRE SÁ**

**A DESEDUCAÇÃO DA ARTE -**

**PARTE 2**

ESCRITA DE ARTISTA / 2022

**ANA MOGLI SAURA**

**O MAIS PROFUNDO É A PELE**

FILME / 2022

**BRUNA KURY**

**BÍBLIA**

ASSEMBLAGE / 2017

**BRUNO NOVADVORSKI**

**ESTOURANDO BOLHAS Nº 01**

PERFORMANCE / 2022





**BUB**

**TESTE DE IMPRESSÃO CENAS  
URBANAS 2019**

XILOGRAVURA / 2019

**BUB**

**DEVORARTE**

XILOGRAVURA / 2019

**CARLOS HENRIQUE**

**MANIFESTO DE REVOLTA  
FRAGMENTO DA WEBART  
NARRATIVAS CYBER-  
TRANSGRESSIVAS**

FOTOMONTAGEM E AUDIOVISUAL / 2019

**CHRIS, THE RED  
TRINITAS**

MONOTIPIAS / 2021

**DARIANE MARTIÓL**

**SEMANINHA (PARTE DA SÉRIE)**

BORDADO / 2022

**EDUARDO KAC**

**PORNOGRAMA 1**

IMPRESSÃO FOTOGRÁFICA / 1980



**EDUARDO KAC**

**PORNOGRAMA 2**

IMPRESSÃO FOTOGRÁFICA / 1980

**EDUARDO KAC**

**PORNOGRAMA 5**

IMPRESSÃO FOTOGRÁFICA / 1980

**GABI FARYAS**

**FRUITE**

PERFORMANCE E INSTALAÇÃO SONORA / 2022

**HILDA DE PAULO**

**A AMANTE IDEAL**

**(DEPOIS DE EMÍLIA NADAL)**

FOTOGRAFIA / 2021

**KHÁOS**

**SOBRE SOLIDÕES E AUSÊNCIAS**

**| VARIAÇÃO Nº 01 | SÉRIE**

**“MASCULINIDADE MARGINAL**

**INSTALAÇÃO COM (1) DÍPTICO DE PINTURA A ÓLEO**

**SOBRE MADEIRA ENCOLADA) E (2) AS MINHAS CUECAS**

**BRANCAS USADAS / 2022**



**LEVI BANIDA**

**MATCH UM TRUMP #3**

**O QUE É NICTÚRIA / WHAT IS  
NICTURY?**

VIDEOPERFORMANCE / 2021

**MARCELO RIVERA**

**FUENZALIDA**

**SOMOS O NO SOMOS (CARNE)**

VIDEO / 2021

**O.R.G.I.A (CARMEN G.  
MURIANA, BEATRIZ HIGÓN,  
TATIANA SENTAMANS)**

**STRIP-TEASE**

VÍDEO DIGITAL / 2003 (REMASTERIZADO EM 2006)

**ÓRION LALLI**

**DIEU A LE \$IDA**

VÍDEO DOCUMENTAL / 2022

**PAOLA ZORDAN**

**CONA**

MASSAS E TINTAS ACRÍLICAS SOBRE METAL / 2017



**PC  
SUS/TENTA/AÇÃO**

GIFORMANCE / 2022

**PRETA EVELIN  
O CALABOUÇO**

VIDEOARTE / 2020

**RAINNERY QUEERCORE  
UM CORPO HÍBRIDO**

INSTALAÇÃO FOTOGRÁFICA / 2022

**RICARDO AYRES  
SAGRADA CENSURA**

COLAGEM / 2014

**SUE GONÇALVES  
SEM TÍTULO**

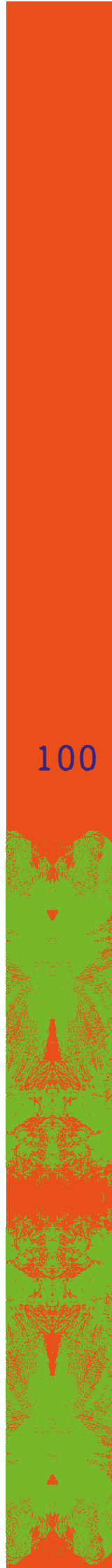
FOTOGRAFIA / 2022

**TALIBOY  
MASCULINIDADES EMBUCETADAS  
EM CAMPO**

VÍDEO / 2022

**XAN MARÇALL  
IAUARAETE**

FILME DIGITAL EXPERIMENTAL / 2020



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A781 Ars Sexualis : por baixo dos panos / Organização Bruno Novadvorski, Sue  
Gonçalves, Chris The Red --- Porto Alegre : Ars Sexualis, UFRGS, 2022.  
102 p. : il. Color

Seminário Internacional de Artes Visuais: Sexualidades Dissidentes do Sul  
Global.

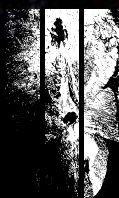
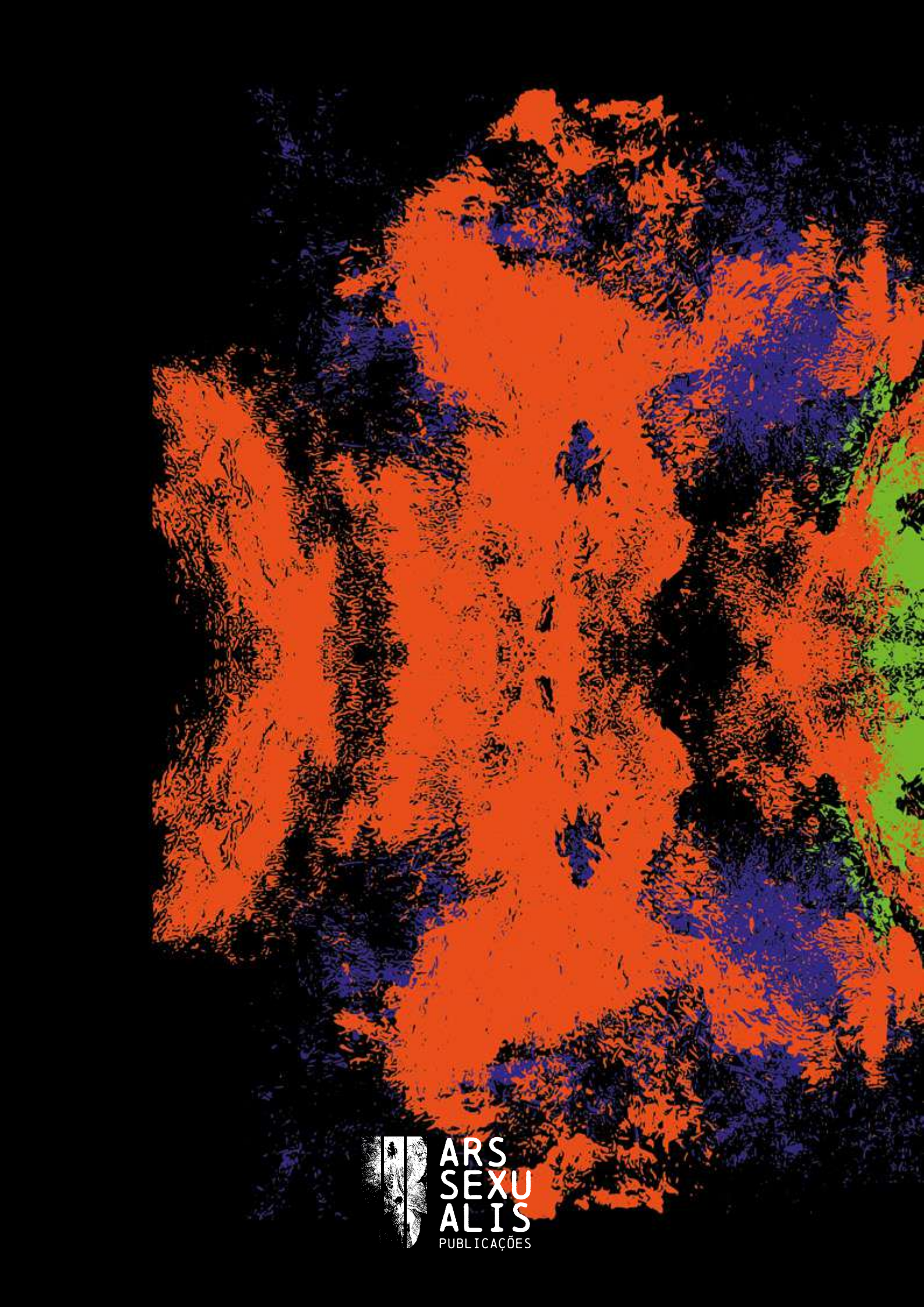
ISBN 978-65-5973-224-1 (E-book pdf)

1. Sexualidade. 2. Catálogo de Exposição. 3. Artes Visuais. I. Novadvorski,  
Bruno, org. II. Gonçalves, Sue, org. III. The Red, Chris, org. IV. Título.

CDU 7.039

Bibliotecária responsável Mara R. B. Machado, CRB10/1885





ARS  
SEXU  
ALIS  
PUBLICAÇÕES